

O TEATRO DE JOSÉ DE ANCHIETA NA MISSÃO DE RERIGTIBÁ: UM INSTRUMENTO PARA A EVANGELIZAÇÃO DO GENTIO

Felipe de Assunção Soriano, SJ.
Universidade Católica de Pernambuco.
felipeassj@yahoo.com.br

Resumo:

José de Anchieta esteve várias vezes na Capitania do Espírito Santo e pôde constatar a bondade da terra, suas riquezas naturais e sua abertura ao Evangelho. A forma como desenvolveu o seu trabalho na Capitania do Espírito Santo, depois da chegada e consolidação dos índios Temiminós é o fato que justifica seu bom êxito missionário. Conforme afirma Simão de Vasconcelos em *Vida do Venerável São José de Anchieta* (1943, p. 96-97), ao terminar o seu provincialato, ele foi imediatamente viver nessa missão e colaborar na formação dos indígenas. No tocante aos espetáculos teatrais, registram-se 12 peças atribuídas a ele, sendo oito escritas na Missão de Rerigtibá. Destas oito, há uma obra em língua geral (Tupi) que merece a nossa atenção, a saber: o *Auto da Assunção* e sua adaptação (Separada do Teatro). No alto de sua vida, essa aldeia tornou-se o lugar propício para desenvolver sua arte, isto é, palco perfeito para a sua ação evangelizadora. O *Auto da Assunção*, e sua adaptação, é o fato que nos revela que essa aldeia, na verdade, foi um palco teatral na missão da Companhia de Jesus. Nosso texto, a partir desta constante, deseja destacar suas particularidades e como se fez uso das tradições ibéricas e indígenas na construção desta obra.

Palavras-chave: Missão, Teatro, Mariologia.

Introdução

O artigo que ora apresentamos, tem por objetivo primeiro demonstrar a centralidade do *Auto da Assunção*, quando levaram uma imagem a Rerigtibá¹ no teatro catequético de José de Anchieta. Esse teatro se destaca, mesmo sendo considerado peça marginal por alguns pesquisadores, pela sua própria estrutura e finalidade, por causa do momento histórico, político e social da Missão de Rerigtibá. Para demonstrar isso, estruturamos o artigo em três partes. Na primeira parte apresentaremos alguns aspectos históricos que envolvem a retomada do trabalho missionário da Companhia de Jesus e a criação da Missão. Na segunda parte daremos atenção aos aspectos literários e bibliográficos do autor e, na terceira parte, analisaremos o espetáculo e os indícios que nos levam a afirmar sua centralidade como instrumento catequético no conjunto do teatro anchientano.

¹ Citaremos neste artigo o nosso objeto de pesquisa com a expressão “Auto da Assunção”.

1. Elementos históricos da retomada do trabalho missionário da Companhia

A Missão de Rerigibá, fundada pelo Pe. José de Anchieta no início do seu provincialato², constituiu um novo recomeço no trabalho da Companhia de Jesus junto ao gentio³, face às dificuldades externas e internas junto a coroa portuguesa. Tal fragilidade ganhará forma mais expressiva nas palavras do Padre Aquaviva, Geral da Companhia de Jesus, quando chama a missão brasileira entre os gentios de “vinha estéril” (CASTELNAU-L’ESTOILE, 1980). Segundo os relatos do irmão José⁴, o maior empecilho para a conversão do gentio na missão do Brasil eram os portugueses.

A conversão nestas partes floresceu já a muito, porque somente na Baía havia mais de 40 mil cristãos e agora não haverá 10 mil, porque têm morrido de várias enfermidades e não se fazem tantos de novo, porque têm fugido pela terra a dentro por causa dos agravos que recebem dos Portugueses, que os cativavam, ferravam, vendiam, apartando-os de suas mulheres e filhos como outras injúrias que eles sentem muito (...) [Todavia, os índios] compreendem mui bem a doutrina cristã e os mistérios de nossa Fé, o catecismo e aparelho para a confissão e comunhão e sabem estas coisas tão bem ou melhor que muitos Portugueses [sic] (ANCHIETA, 1988, p. 442.).

Pe. Manuel da Nóbrega, maior incentivador do trabalho missionário será quem melhor sistematizará as dificuldades enfrentadas pela Companhia de Jesus na obra *O Diálogo da Conversão do Gentio* (NÓBREGA, 1556, p. 229). Diante do arrefecimento do labor apostólico da Companhia, com a carência de tradutores na língua indígena e com a redução do contingente de missionários, ele colocará todas as suas forças espirituais, intelectuais e diplomáticas para sanar os entraves que comprometiam sua *empresa*⁵. Segundo o *Diálogo*, a liberdade que a selva oferece ao gentio não compaginava com o programa missionário desejado pela Companhia, sendo necessário dar-lhe outra criação que possa sujeitá-lo a lei comum definindo seis itens indispensáveis:

1. Defender-lhes de comer carne humana e de guerrear sem licença do Governador;
2. Faze-lhes ter uma só mulher;
3. Vestirem-se, pois tem muito algodão, ao menos depois de cristãos;

² Termo usado para designar o curso de tempo que alguém exerce a função de provincial, i. é, aquele que foi nomeado para ser responsável pela administração de casas religiosas numa área territorial (Província).

³ Termo usado para designar os estrangeiros. Entre cristão, os que professam o paganismo e, no Brasil, para designar a grande porção de gentes de nativos da terra.

⁴ Forma como José de Anchieta é designado na Companhia de Jesus enquanto formando para marcar sua etapa pré-presbiteral.

⁵ Expressão usada por Pe. Manuel da Nóbrega para designar o que a Companhia de Jesus vinha fazer nestas terras, isto é, empreender em favor do evangelho.

4. Tirar-lhes os feiticeiros;
5. Mantê-los em justiça entre si e para com os cristãos;
6. Fazê-los viver quietos, sem se mudarem para outra parte, se não for para entre os cristãos, tendo terras repartidas e com padres da Companhia para os doutrinar.

Pe. Manuel da Nóbrega não conseguiu ver todo esse itinerário em prática vindo a morrer logo após a reconquista do Rio de Janeiro em 1570. Contudo, seu esforço diplomático, juntamente com a coragem do irmão José de Anchieta, teve como resultado a restauração das pazes entre Portugueses e Tamoios e a expulsão dos franceses da costa sul do Brasil (1567). Entretanto, o sonho de fazer viverem reunidos os índios numa só Missão, superando as rivalidades cotidianas, com terras repartidas e acompanhados por membros da Companhia de Jesus, como definido no item sexto do itinerário do *Diálogo da Convenção do gentio*, quem irá realizar será o Pe. José de Anchieta.

Como resposta ao hiato após a morte do Pe. Manuel da Nóbrega e do Pe. Inácio de Azevedo, martirizado⁶ nas águas atlânticas junto a mais 40 jesuítas pelas mãos dos piratas *huguenote* (1570-1578), tocou a José de Anchieta retomar o trabalho missionário da Companhia, fazer sua defesa diante das autoridades régias e obter licença para criar novos aldeamentos. Na Bahia, ao tomar posse o 4º Governador Geral Lourenço da Veiga, junto ao seu Ouvidor Geral Cosme Rangel, a 1º de janeiro de 1578, um dos primeiros atos foi averiguar as atividades missionárias dos jesuítas, pois vinham de Portugal prevenidos contra elas. Assim se lê na carta anual de 1578:

“Visitam o governador geral e ouvidor estas aldeias. E o resultado foi que as injustas imputações que alguns, movidos pela sua cobiça que não por zelo da salvação das almas, lhe haviam apresentado a respeito dos índios e seus missionários, se mudaram para bem”. (...) “Depois que ambos observaram pessoalmente a realidade, se convenceram de que era tudo diametralmente oposto ao que esses homens perversos haviam inventado”. (...) “Depuseram completamente com isso as falsas prevenções de que os tinham imbuído, e com as mais claras expressões prometeram, não só ao Pe. Provincial [Anchieta] e ao Reitor [Gregório Serão], que os acompanharam em todas as viagens, mas ainda aos mesmos índios, empenhar-se na defesa de sua liberdade” (VIOTTI, 1980, p. 191).

Pe. José de Anchieta irá relançar as bases para uma nova fase do trabalho indigenista da Companhia tendo como um dos seus instrumentos o teatro. Com a aplicação do novo Regimento para as Missões, há uma mudança na forma de constituir

⁶ Mártir ou Mártires: nome dado a toda pessoa submetida a algum tipo de suplício (à morte) por ódio a fé ou pela recusa de renunciar a condição de cristã ou qualquer um dos seus artigos ou princípios.

a missão passando, doravante, a residir nas aldeias. Esses novos aldeamentos eram compostos por até 3.000 índios, contando com a presença fixa de até quatro jesuítas. Será Vasco Fernandes Coutinho⁷ quem convidará os inacianos à Capitania do Espírito Santo e sua opção se justifica facilmente, considerando o lugar estratégico que ocupará as Missões e a forma como o indígena será incorporado à dinâmica e organização da Capitania. Sobre essa questão, assim registra o jovem José de Anchieta na carta ânuva enviada ao Geral da Companhia de Jesus:

É o Espírito Santo a terra mais acomodada e aparelhada para a conversão, que há em toda a costa, por haver ainda muito gentio e não tão escandalizados dos portugueses. Vivemos desta casa de esmolas, ajudados do Colégio do Rio de Janeiro, ao qual é anexo, no que toca a veste, calçar, vinho e azeite, e outras coisas que não se dão em esmola (ANCHIETA, 1585, p. 19).

Aliado a organização das aldeias destacamos dois fatos que foram determinantes para o sucesso do trabalho missionário da Companhia de Jesus na Capitania do Espírito Santo: a guerra entre Portugueses e Tamoios por ocasião da invasão francesa na região do Rio de Janeiro e o descolamento dos Temiminós para o Espírito Santo.

No início de 1555 dois fatos irão marcar decisivamente a atuação dos Jesuítas no Espírito Santo. Quem nos descreve o ocorrido é o P. Luís da Grã que, de passagem pela Capitania e aguardando navio para São Vicente, descreve: na quaresma de 14 de abril do mesmo ano, houve um ataque de índios Tamoios nas imediações das terras ocupadas pelos portugueses trazendo pavor, levando pessoas e aumentando a instabilidade na região. E, com consequências ainda maiores, a chegada dos índios Temiminós para a Capitania do Espírito Santo (CUNHA, 2014, p. 28).

Em situação dramática, os Jesuítas irão intervir em favor dos Temiminós que se viam encurralados pelos Tamoios na região do Guanabara, impedidos de se refugiar em São Vicente e de fugir para a região de Macaé, território dos ferozes índios Goitacazes. A pedido da Companhia de Jesus os índios Temiminós serão recebidos na Capitania do Espírito Santo. Esta relação entre jesuítas e Temiminós será o fato que colaborará para o bom êxito do trabalho missionário. Com o tempo, a Missão de Rerigtibá e de Reis Magos se tornaram os dois centros administrativos do trabalho indígena na Capitania, com destaque a Rerigtibá, aldeia que recebeu maior contributo afetivo e efetivo do Apóstolo do Brasil.

⁷ Conforme Carta Régia de Dom João III, de 01 de junho de 1534, assume a 11ª Capitania do Brasil como Donatário o fidalgo Vasco Fernandes Coutinho (1490 – 1561), como prêmio por serviços militares prestados à Coroa Portuguesa nas possessões e colônias existentes na Ásia.

Superada a resistência do Governador Geral Lourenço da Veiga, José de Anchieta decide, como primeira ação do seu provincialato, fundar a Aldeia de Rerigibá (1579). O Registro mais antigo que temos é uma cópia do Antigo Livro de Tombo da Missão, feito pelo Pe. Manuel Pires Martins, 18º Pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Benevente, sobescrito no Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo de Itapemirim⁸. Nesta memória, afirma-se que o Pe. José de Anchieta implantará seu belíssimo sistema catequético. Será que o autor está fazendo referência ao método do teatro catequético?

Anchieta tendo captado a amizade dos bugres de Reritigba, foi ao encontro dos poucos companheiros, que havia trazido e que deixára atrás descansando à sombras dos gurirys; trouxe-os para a taba e com elles à noite entoou a Salve-Rainha e outros canticos religiosos; os bugres estavam attonitos e conservavão-se à distancia, porem suspeitosos. No dia seguinte, 15 de agosto de 1579, dia de Nossa Senhora da Apumpção, houve Missa, à qual assistirão os bugres, imitando em todos os movimentos os companheiros de Anchieta. A semente do christianismo estava lançada e para que germinasse, Anchieta estabeleceo desde logo no seo bello systema de cathequização e começou a construir a Igreja, que dedicou àquella Senhóra. [sic] (MARTINS, 1880, p. 3).

Terminado o seu mandato provincial, José de Anchieta manifestará o seu desejo de residir em Rerigibá. Era seu desejo, mesmo em idade avançada (53 anos), colaborar com o seu discípulo Pe. Diogo Fernandes, primeiro brasileiro a receber Ordens Sacras na Companhia de Jesus, nas incursões sertanista que realizava para descer índios para a Missão. Em certa medida, na Missão de Rerigibá, José de Anchieta inaugura uma nova fase de seu trabalho missionário, onde vislumbrava algo novo que respondia os entraves já encontrados. Longe de se aposentar, mesmo sendo justo considerando seus preciosos serviços à evangelização do Brasil, Anchieta vai novamente à frente de batalha, isto é, sua querida Rerigibá, seu recanto, seu país. Ele decide, espontaneamente, agregar-se a este grupo no intuito de trabalhar pela conversão do gentio (VASCONCELOS, 1943, p. 96-97).

Finalmente, José de Anchieta vai morar na Capitania do Espírito Santo na Missão de Rerigibá. Neste retorno às suas origens, encontrará oportunidade para revisitar sua experiência de juventude, dedicando-se novamente ao teatro. As pesquisas de Armando Cardoso (1977), no teatro anchietano nos oferecem a marca de doze composições teatrais atribuídas a ele. Numa leitura preliminar, considerando a datação de sua

⁸ MARTINS, Manuel Pires. *Livro de Tombo de Itapemirim* (Tomo 1), 1880, p. 33b.

biografia, atribuímos oito destas peças a sua permanência nesta aldeia de missão. Em certa medida, será na Missão de Rerigtibá que o nosso autor encontra os elementos inspiradores e seus arquétipos para exercer sua dramaturgia catequética. Neste contexto é que nasce o *Auto da Assunção* sendo, acima de tudo, um instrumento catequético, fruto do itinerário maduro de sua vivência da fé em diálogo com o gentio.

2. José de Anchieta e sua abertura às artes literárias e dramáticas.

A sua abertura às artes e à literatura são coisas de berço, pois José de Anchieta sempre teve uma formação humanística. Seu mundo nas ilhas Canárias, voltado ao comércio, à literatura, à religião e as navegações, formataram seu imaginário social, político e religioso. Seu pai, Juan Lopez de Anchieta, basco, era muito versado nas letras como escrivão do cartório de La Laguna. Tendo a família reconhecido suas habilidades literárias, o envia, com seu irmão, para estudos clássicos em Coimbra. Devido ao alto nível de seus conhecimentos, suas habilidades literárias, a facilidade para aprender e por falar diversos idiomas, incluindo o português, foi admitido ao Real Colégio das Artes de Coimbra. “Essa formação humanística fez parte da vida de José de Anchieta, pois suas produções tinham um estilo clássico. Ele utilizava os idiomas e os estilos estruturais das escritas como os escritores da Antiguidade Clássica” (FURLAN, 2013, p. 57).

O primeiro contato do jovem Anchieta com o teatro se deu, certamente, quando no Curso de Artes em Coimbra. Nestes anos eram muito populares os Autos de Gil Vicente, apresentados pela primeira vez em 1527: a *Farsa dos Almocreves*, a *Comédia sobre a Divisa da Cidade e de Coimbra* e a *Tragicomédia Pastoril da Serra de Estrela*. A sua fama era tão grande que vários de seus Autos foram impressos e espalhados por toda parte, como a *Barca do inferno* em 1517 ou 18, o da *Historia de Deus* em 1527, o de *Mofina Mendes* em 1534.

Conforme Armando Cardoso (1977), é impossível Anchieta não ter tido acesso a estes espetáculos, pois muito da métrica, prosa e ideias se fazem sentir em seus Autos. Além do grande Gil Vicente, destacam-se outros gênios do teatro que são interlocutores da obra anchietana desde Portugal e no Brasil, o dramaturgo Antônio Prestes e seu *Auto da Ave-Maria*; Baltasar Dias, o cego, com suas peças de devoção, *Santa Bárbara*, *Santo Aleixo*, *Santa Catarina* e outras; e o Afonso Álvares com as suas de *Santo Antônio* e de *São Tiago*.

Logo chegado ao Brasil, depois de conhecer brevemente o que se fazia no diálogo com o gentio na Bahia, José de Anchieta notou que os índios estimavam a música, a dança, o canto e as festas de ritos e espetáculos. Tal constatação, com como a riqueza de sua língua, estará sempre presente nas cartas escritas à Europa sobre as coisas do Brasil. A pedido do Pe. Manuel da Nóbrega parte de navio da Bahia a São Vicente. No caminho, em Porto Seguro, encontrará o grande Pe. João Azpilcueta Navarro, o primeiro jesuíta a aprender a língua dos índios e a traduzir as orações e cânticos religiosos (VASCONCELOS, 1943, p. 14-25).

O primeiro contato mais significativo entre José de Anchieta e os índios se deu no naufrágio que ele sofreu quando, na região dos Abrolhos, a 21 de novembro de 1553, passou oito a nove dias entre o gentio. Aí, registra-se, que os meninos órfãos que com eles viajavam de Lisboa se lançaram ao mar na direção da praia e, quando foram salvos, puseram-se a cantar uma das cantigas feitas na língua dos índios. Prontamente se ajuntou vários índios para ouvir e admirar a cantoria. No dia seguinte, como foram salvos os objetos para a missa, celebraram a Eucaristia e os índios se ajuntaram cheios de curiosidade. Todavia, o fato fundamental que sela a relação do jovem José com o teatro se deu em Piratininga, 25 de dezembro de 1561:

Quando Nóbrega voltou da Bahia em 1560, com o governador geral Mem de Sá, depois da expulsão dos franceses de Villegaignon, alcançou a transferência da Villa de S. André para S. Paulo. Foi então que os portugueses, estabelecidos na nova vila, quiseram celebrar o Natal com um Auto sagrado no recinto da igreja, como costumavam (Natal de 1561). Nóbrega conseguiu que eles renunciassem a representa-lo na igreja e ainda ao Auto proposto para a festa, e aceitassem outro que lhes daria. Encomendou-o a Anchieta que compôs, ensaiou e fez representar. Chamou-se-lhe “Pregação Universal”, porque destinava ao público não só português, mas também indígenas, escrito como era nas três línguas usadas no Brasil (CARDOSO, 1977, p. 15-16).

Fora da Missão de Rerigtibá, Anchieta escreveu ainda: o *Auto da Pregação Universal*, o *Diálogo do P. Pero Dias Mártir*, encenado, possivelmente, em Salvador ou em São Vicente, em 15 de junho de 1575 ou 1592; *O Excerpto do Auto de São Sebastião*, apresentado no Rio de Janeiro em 1584 por ocasião da visita do Pe. Cristóvão de Gouveia; e, o *Auto da Festa de São Lourenço*, apresentado na aldeia de São Lourenço, hoje cidade de Niterói, Rio de Janeiro, em 10 de agosto de 1587. Salvo a *Pregação Universal* e o *Auto de São Lourenço*, que são Autos Catequéticos, o *Excerpto do Auto de São Sebastião* que fora elaborado para um recebimento, isto é, se escreve como propaganda em defesa do trabalho missionário.

Na Missão de Rerigtibá registram-se oito Autos escritos para várias situações, a saber: o *Auto de Guarapari*, encenado na aldeia com o mesmo nome em 8 de dezembro de 1585; a *Recebimento do P. Marçal Beliarde*, apresentado na aldeia de Guarapari em 1589; o *Auto da Assunção*, encenado na Missão de Rerigtibá por ocasião da entronização do seu orago, em 15 de agosto de 1590; o *Recebimento do P. Bartolomeu Simões Pereira*, registra-se numa aldeia indígena ignorada, certamente na sede da Missão em Rerigtibá, em 1591 ou 1592.

Há ainda o *Recebimento do P. Marcos da Costa*, encenado em Vila de Vitória – ES, em 1596; o *Auto de Santa Úrsula*, por ocasião da conclusão das obras da Igreja de São Tiago em Vila Vitória – ES ou pela aquisição de relíquias da santa, em 1585 ou 1595; o *Auto de São Maurício*, apresentado na Vila de Vitória – ES, apresentado em 22 de setembro de 1595 e o *Auto da Visitação de Santa Isabel*, apresentado para a inauguração da Santa Casa de Misericórdia em Vila Velha – ES, em 2 de julho de 1597, ano de sua morte.

3. O Auto da Assunção como instrumento para a evangelização do gentio

O Auto da Assunção é um espetáculo de composição modesta se colocada em paralelo ao *Auto de Guarapari* que possui mais de 234 versos. Esse se encontrava no conjunto de textos encontrados pelo Pe. José da Frota Gentil, S.J. no *Archivum Romanum Societatis Jesu - ARSI* em Roma em 1930, um caderno composto por 208 páginas, de autoria de José de Anchieta e sob o código do ARSI - *Opp. NN. 24* (ANCHIETA, 1954, p. XVII). Esse achado foi publicado pela primeira vez com comentário, traduções e notas, pelas mãos de Maria de Lourdes Paula Martins, secção em tupi, pela Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

Segundo Armando Cardoso (1977), a lírica de Anchieta, nesse Auto, se achega muito mais à de Camões do que à de Gil Vicente, pois sua métrica é quinhentista, derivada no último período medieval, como aparece no *Cancioneiro de Garcia de Rezende* e em Gil Vicente, influenciado pela maneira cortezã espanhola tanto na linguagem como na harmonia (ANCHIETA. 1984, p. 54).

O Auto da Assunção é originalmente composto por cinco atos: 1. *Ára angaturameté* (Da Assunção); 2. *Ejorí, Virgem Maria* (Mãe de Deus, Virgem Maria); 3. *Sarauájamo oroiko* (Vivemos como selvagens); 4. *Xe parati suí* (Trilogia), e; 5. Canção

Jandé kañemiré (Cantiga por Querendo o alto Deus)⁹. Entretanto, também compõe o espetáculo uma nova versão como peça substitutiva à Trilogia (*Xe parati sui*), publicada em separado do teatro com o nome de *Retityba xe retáma* (Rerigtibá, meu país)¹⁰, pois, com tal acréscimo, confirma-se que o *Auto da Assunção* foi mais de uma vez encenado recebendo uma adaptação das mãos do seu próprio autor (ANCHIETA, 1977, p. 247-258).

O *Auto da Assunção*, original todo escrito em língua geral¹¹, possui apenas 202 versos poéticos. No tocante a métrica, concebe a maior parte dos seus versos na medida velha, com redondilhas maiores, no formato ABBA (Segundo Ato). No último ato, observa-se a mudança de estilo para a medida nova, que são versos decassílabos nos seis quadros: ABBA. Ao insistir no mesmo estilo métrico nos quatro primeiros atos somos levados a crer que o *Auto da Assunção* está mais aproximado aos discursos catequéticos aos moldes do *Diálogo da fé* (1977). Contudo, sensível ao público, suas partes cênicas se alternam construindo tempos de fala e de música ou dança reforçando o caráter lúdico e festivo do espetáculo. Essa estratégia revela que quem sustenta a trama narrativa são as figuras da Virgem Maria e do indígena, seus arquétipos.

Estrutura do Espetáculo:

- I – Saudação no porto.
- II – Diálogo do Anjo e Diabo.
- III – Duas Danças.
- IV – Louvação dos três representantes de tribos.
- V – Beijo da imagem e canto de despedida.

Personagens:

- Coro de meninos (Chegada da Imagem no porto).
- Anjo da Aldeia (Quem enfrenta os demônios).
- Diabo com companheiros (Que serão expulsos da aldeia).
- 6 selvagens que dançam.
- 2 índios civilizados que dançam.

⁹ A comissão do IV Centenário percebeu que o poema *Ára angaturameté* fazia parte do espetáculo, pelo fato desta poesia antever o *Auto da Assunção* (cf. Nota. *Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - Poemas de José de Anchieta*, 1954, p. 558). Armando Cardoso (1977), seguindo a nota da Comissão do IV Centenário, irá incorporar ao espetáculo o poema *Ára angaturameté* e o poema *Jandé kañemiré*, compreendo o *Auto da Assunção* em cinco partes, a partir da estrutura do *Auto de Guarapari* (cf. ANCHIETA, Joseph de. *Teatro de Anchieta*. São Paulo: Loyola, 1977, pp. 247 – 258).

¹⁰ Armando Cardoso reconhece que o poema *Rerityba xe retáma* está em substituição a Trilogia do *Auto da Assunção*. Tal adaptação se justifica pelo crescimento do número de índios aldeados de três nações para oito oferentes. Nesta adaptação, para dar conta de enriquecer o espetáculo com mais participantes buscará índios mais hábeis na língua geral e dados ao teatro (oito crianças).

¹¹ Termo usado pelos missionários para designar o sistema linguístico criador a partir do tronco linguístico geral dos tupis, ensinado pelos missionários e sistematizado na Gramática anchietana.

A forma como José de Anchieta faz uso dos diversos elementos que dispunha na composição do espetáculo incorporando influências históricas, culturais e teológicas nos leva a reconhecer sua densidade. Observa-se no primeiro ato, a cena do coro de crianças que saúdam a imagem da *Tupansy* – a Mãe de Deus, no porto de Rerigibá. Neste coro canta-se o dia feliz da Assunção da Virgem, a partir do rito de acolhida das tribos tupis que se convencionou chamar de saudação lagrimosa (CARVALHO, 1903), pois chora a Virgem Maria e os indígenas de alegria.

Grande e venturoso dia
Desponta hoje para nós:
Alegrai-vos todos vós
Com a morte de Maria.
Ela vai com alegria
Para os céus, a sua sorte:
Afugenta a nossa morte
E para a vida nos guia. (...)

Morrendo deixaste outrora
Teus filhos em baixo aqui:
Chamados assim por ti,
Nos confortamos agora. (...)
Toda ansiosa pelo céu,
Choravas continuamente:
Vives hoje bem contente
Ao lado do Filho teu. (vv. 1-8;17-20;25-28).

Em continuidade, a imagem da Virgem Maria é transportada ao adro da Igreja. Conforme a tradição ibérica, a Virgem não se indis põe diretamente com o caudilho (Demônio); quem o faz é um dos seus anjos. Como Deus colocou inimizade entre a sua natureza e a dele, é o anjo custódio quem o ameaça e o expulsa da aldeia. O Auto apresenta somente um demônio principal e seus companheiros, diferentemente ao *Auto da Guarapari* que traz dois demônios principais e muitos vícios a se extirpar. Os demônios aqui são identificados com questões de saúde física, psíquica e as corrupções morais (Anhangá). A demoniologia na obra anchietana presta duplo serviço, pois, primeiro, contribui para extirpar o medo verdadeiro entrave nas culturas indígenas e, segundo, conserva um caráter lúdico como vingança contra essas forças do mal.

Mãe de Deus, Virgem Maria,
Vem a aldeia visitar,
Dela o demônio expulsar.
Oxalá com alegria

Progridamos em te amar!
Afasta-lhes a enfermidade,
A febre, a disenteria,
Para que a comunidade
Cria em Deus, teu Filho e guia. (vv. 1-10).

Anjo custódio da aldeia
Eu dela te expulsarei,
E entrará a Mãe do Rei!...
Já vou atacar-te, eia!

Ai, pobre de mim! Com briga
A Mãe de Deus libertou
Terra que o mal me doou...
Mãe de Deus, minha inimiga! (vv. 25-32).

No coração do espetáculo, o terceiro ato, encontram-se as danças de acolhida, pois, conforme as tradições tupis a dança é coisa íntima da *tabe* (aldeia). José de Anchieta constrói uma dança ibérica com os índios da Missão, que remonta luta entre cristãos e mouros chamada de *Machatins* ou *Matachins*. Nesta construção os indígenas

guerreiam por meio da dança com suas próprias armas e ao modo de além-mar. O texto anchietano reconhece a quebra que esta parte produz ao espetáculo quando os brincantes pedem licença ao público para dançar (libertinagem). Também dançam os índios chegados à aldeia ao seu modo para agradecer a acolhida e saudar a Mãe do Rei. Neste ato constatamos uma inversão na narrativa do espetáculo, pois, o *Auto da Assunção* é memória da chegada da imagem na aldeia, agora, no coração do espetáculo, acolhem-se os índios na Missão confessando que a aldeia já é da Senhora e são os índios seus visitantes. Nos versos eles cantam o que vieram fazer nesta recepção:

Seis índios aldeados

Vivemos como selvagens,
Somos filhos da floresta:
Viemos saudar-te em festa,
Deixa-nos libertinagens.

Venho do meio da mata
Assistir a recepção:
Vem trazer-me a conversão
À tua virtude inata.

Deixei a selva natal
Em tua honra e louvor
Ame-me teu grande amor,
Livra-me de todo mal. (vv. 37-48;57-60).

Dois índios recém-chegados.

Vivendo em montes escusos,
Eu muita coisa não sei:
Por isso eu aqui dançarei
À moda dos nossos usos.

Eu já reconheço Deus,
O que é teu Filho, Senhora.
Assim também eu agora
Detesto dos defeitos meus.

Aqui está minha gente
Que em Maratauã morava;
Teu nome na mente grava,
Invoca-o continuamente. (vv. 61-72).

No quarto ato, conforme a primeira versão, três líderes dirigem suas preces à Virgem Maria. Este ato é onde se encontra a maior focalização no espetáculo, pois no diálogo pessoal de cada líder indígena, encontramos os sentimentos, ansiedades e aspirações do povo. Esta parte do espetáculo foi o ato que recebeu uma adaptação do nosso autor. No conjunto de sua obra é a única vez que se tem notícia de uma adaptação a alguma parte do teatro anchietano. Nesta primeira versão rezam índios do sul (Tamoios), de Rerigtibá (Tupiniquim) e do norte do Brasil (Tupinambá), reforçando a ideal anchietano de conceber Rerigtibá como centro de convergência e polo irradiador da Missão da Companhia.

Paraty (Tamoio)

Eu, do rio Parati,
Venho ver a Mãe de Deus,
Pintado os membros meus
Em alegre frenesi.

Oração:

Mãe de Deus, bela ideal!
Minha gente é toda amor:
Guarda com Nosso Senhor
A minha terra natal.

Rerytyba (Tupiniquim)

Reritiba, meu país,
Aldeia das boas gentes,
Mandam-me aqui meus
parentes
Para ver a Mãe feliz.

Oração:

Vem a nós, Santa Maria,
De minha gente tutora:
Ela sempre se apavora
De sua grão vilania.

Bahia (Tupinambá):

Sou o grão Tupinambá:
O bispo e seus
companheiros,
Os cristãos, povos inteiros,
Me temem muito por lá.

Oração:

Traspondo o oceano agora,
Por ver-te, vim até cá:
Vem, ó nossa protetora!
Pudesse ver-te em boa hora
O meu pai Tupinambá! (vv.1-54).

Na nova versão (ANCHIETA, 1984, p. 191-196), serão oito representantes que dirigem suas preces a Senhora, trazendo presentes e apresentando suas necessidades em clara referência às oito nações identificadas na Capitania do Espírito Santo: Tupiniquins, Goitacás, Botocudos, Aimorés, Puris, Temiminós ou Maracajás, Papanases e Tupinambás (CARMIELLI, 2016, p. 29). Contudo, o Auto não deixa claro quais são as oito nações ou se são simplesmente aldeias articuladas com a Missão de Rerigibá. Uma constante na fala dos índios conforme o seu projeto catequético, é a necessidade da superação das intrigas e inimizades entre as nações.

Na primeira versão, conforme a prece o seu líder, os índios do Rerigibá não querem vir à recepção por não estar nada contentes com tantas nações em seu território. Da mesma forma, nesta nova versão, aparece claramente a nota deste artigo catequético, pois, como a Virgem da Assunção é sinal antecipatório da meta cristã, que ela nos ajuda a viver aqui e agora a união que necessitamos. A nova versão valoriza imensamente o caráter antropológico, a riqueza dos povos e sua abertura a fé, mas, também, as dificuldades internas neste trabalho. Em certa medida, ao modo de uma prece litânica os indígenas recorrem à Virgem Maria para superar esses conflitos.

Conforme Armando Cardoso (1984), oito crianças recitam as preces diante do altar de Nossa Senhora, oferecendo-lhe seus presentes: ostras, como o nome diz Rerigibá; Peixe, galinha e porco, oferenda de Parati; Posto de muita pesca e caça, oferenda de Meaí; Muita alegria do seu povo vem oferecer, Guarapari. O índio pobre – Poraceom, depois de apresentar os seus siris, apresenta uma queixa contra a aldeia que o hospeda. Tal nota demonstra publicamente que apesar de todos os esforços dos missionários é preciso continuar insistindo para extirpar os ódios antigos, que é um desafio contínuo para os missionários. O índio Sauiaeté, como seu nome diz, bom caçador, oferece ratos do mato. Outro de nome Ibitirapé, como o nome diz, “caminho da montanha” traz seus desejos de nova vida para os seus da serra. O último de nome “Juicum com ambos” oferece formosas rãs e convida a todos a uma nova vida digna de um cristão.

Por fim, como último ato, José de Anchieta faz um canto de exaltação da beleza e grandeza da Virgem Maria, descrevendo sua bem-aventurança, sua maternidade virginal e sua potência contra as forças do mal (Anhangá), realidade que impressionava grandemente os indígenas. Conforme a dinâmica usada no catecismo, depois do estudo dos artigos da fé, segue um ato de piedade beijando relíquias ou imagens dos santos. Neste último canto, conforme o costume das mulheres indígenas, Maria é descrita como

guerreira, pois as mulheres acompanhavam seus maridos em batalha, além de guardarem a casa e ordenar a vida social dentro da oca. No final do espetáculo e como despedida, os índios beijam a imagem da Virgem Maria.

Por grande amor a nós pecadores
Tupã fez uma santa excelsamente,
A mais linda de toda a nossa gente,
E toda a enriqueceu dos dons melhores (vv. 1-4).

Mãe de Tupã, Maria, que derrota
Anhangá o inimigo e seu terror,
Companheira de lutas, seu vigor
nos ensina a virtude em nossa rota.

Deu-lhe o nome de Maria, co'a potência
De derrotar o mal, e filha e irmã
A criou para ser Mãe de Tupã
Do Senhor imortal da existência (vv. 9-12).

Amemos todos nós Santa Maria,
Metendo sua lei nos corações
Nos desvie do mal e tentações,
Esmagando anhangá em nossa via (vv. 17-24).

Considerações finais

A densidade teológica do *Auto Assunção*, ao contrário dos demais textos anchietanos, é o fator determinante que faz grande parte dos pesquisadores em sua dramaturgia descartem seu estudo. Contudo, em nosso olhar, consideramos esse elemento o fundamental para compreender o teatro anchietano.

O Auto de Assunção celebra o trabalho missionário da Companhia de Jesus, pois nesta retomada se delimitam os passos a seguir na construção deste novo projeto. A forma como se concebe o trabalho missionário nesta Capitania com a chegada dos Temiminós é o fato, entre outros, a partir do itinerário delimitado por Pe. Manuel da Nóbrega, que justifica o bom êxito da Missão da Companhia de Jesus. Em ambiente tão favorável, distante da sede da Capitania e dos conflitos políticos, com residência fixa entre as aldeias, com clara organização interna incorporando a autoridade local dos índios, longe do mau exemplo dos portugueses, pôde a Missão de Rerigtibá chegar ao teatro.

A entronização da imagem da Virgem Maria na Igreja da Missão foi o pretexto usado por José de Anchieta para desenvolver um dos temas mais importantes no seu projeto catequético, pois, a partir da fidelidade de Maria, deseja que os índios da Capitania vivam unidos. No coração do espetáculo, diante da imagem da *Tupansy (Mãe de Deus)*, dançam como sinal da pertença a nova *tabe* os índios já aldeados e àqueles que são chegados. Aquela que chegou, a Virgem Santíssima, é quem agora os acolhe abrindo-lhes a sua casa – *a Missão*.

Tal opção devocional presta um duplo serviço ao seu projeto catequético, pois Maria é apresentada como modelo e meta a se alcançar. Em outras palavras, José de Anchieta está dizendo que aqueles que aqui estão são predestinados à salvação, que

vivam unidos, livres dos medos, corrupções e enfermidades. E a Virgem Maria quem congrega esta diversidade de nações na *tupãoca* comum na Missão confiada a seu nome.

O *Auto da Assunção* em si possui projeto e esquema distintos no conjunto do teatro anchietano, por sua proximidade ao esquema interno usado no catecismo (VIOTTI, 1980, p. 230). Sua estrutura e ritmo estão mais afinados a lógica desenvolvida no *Diálogo das coisas da fé*, que coloca no centro o tema ou artigo doutrinal de forma direta e ao seu redor os outros elementos narrativos, estéticos ou estilísticos suscitando a pergunta e dando-lhes a resposta. Tal estrutura, também encontrada nos esquemas narrativos bíblicos, obriga o leitor à repetição, pois, ao chegar ao final, precisará voltar ao começo. A repetição, conforme o método dos *Exercícios Espirituais*, que é melhor explicitado em chave pedagógica na *Rátio studiorum* (CONSTITUIÇÕES, 2004, p. 128), é um elemento capital que favorece gradativamente o discernimento dos espíritos, uma experiência estética profunda e a busca da vontade de Deus (EXERCÍCIOS, 2000, p. 38).

Diante do que já foi dito, será em Rerigtibá que José de Anchieta encontrará ambiente próprio e a influência dos seus arquétipos para fazer teatro. Em certa medida, como foi na sua primeira experiência de juventude com a *Pregação Universal*, no *Auto da Assunção* se leva a perfeição o mistério da encarnação do verbo reunindo todos os povos na celebração antecipada da glória de Maria. Neste festim, nosso catequista insistirá naquilo que se deve buscar confiando este intento a sua filial proteção. Tal opção não é inocente, pois, considerando a figura da mulher nas aldeias tupis, se opera uma ressignificação a partir do seu papel social. É sobre seu olhar maternal que se fixará a Missão de Rerigtibá, fazendo desta diversidade de nações um povo predestinado, tendo nela o seu ponto de chegada e partida.

A nova versão adaptada da quarta parte do *Auto da Assunção* de fato confirma a tese de que o *Auto* continuava sendo encenado, pois é a experiência que exige e ensina a necessidade de melhorar, corrigir e adaptar. Conforme seus biógrafos, José de Anchieta se ausentou por quase dois anos da aldeia de Rerigtibá para assumir a missão de Superior na Capitania do Espírito Santo (1593-1594). Acredita-se que, ao retornar à Missão de Rerigtibá, constatando o crescimento da missão, José de Anchieta tenha feito essa adaptação em separata para incluir representativamente as novas nações aldeadas. Armando Cardoso (1984), só terá acesso a esta adaptação posteriormente, sem fazer nota da sua relação ao conjunto do teatro anchietano.

Referências bibliográficas

- ANCHIETA, Joseph de. *Cartas, correspondências ativas e passivas*. **In.:** Carta nº 5: Quadrimestre de Maio a Setembro, dirigida por Anchieta a Santo Inácio de Loyola - São Paulo de Piratininga, 1º de setembro de 1554. São Paulo: Loyola, 1984, p. 69. §5.
- _____. *Cartas, informes, fragmentos históricos e sermões*. **In.:** Informações da Província do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988, p.442.
- _____. *Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - Poemas de José de Anchieta*, 1954, p. XVII.
- _____. *Diálogo da fé*. São Paulo: Loyola, 1988.
- _____. *Lírica portuguesa e tupi*. Org. Armando Cardoso São Paulo: Loyola, 1984, p. 191-196.
- _____. *Teatro de Anchieta*. Org. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1977, p. 15-16.
- _____. *A província do Brasil*. Coleção Brasileira de Divulgação (História), Série IV, nº 2. (1585), pág. 19.
- CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril – Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil (1580 – 1620)*. Publicado pela EDUC, 2006.
- CARVALHO, Alfredo de. *A Saudação lagrimosa dos índios*. Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, V. XI, nn. 60-4, 1903 -04, pp. 755-65.
- CUNHA, Mª José da. *Maracaiguaçu, o gato grande aliás, Vasco Fernandes, ou o elogio do discurso evangelizador*. Revista Ágora, Vitória, nº 20, 2014, p. 28.
- FURLAN, Vinicius. ARNAUT DE TOLEDO, César de Alencar (Orientador) *O teatro de José de Anchieta: uma análise por temas*. Seminário de Pesquisa do PPE: Universidade Federal de Maringá - 12 a 14 de junho de 2013, p. 57.
- LOYOLA, Inácio de. *Constituições*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 128 [374].
- _____. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 29.
- MARTINS, Manuel Pereira. *Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo de Itapemirim*. **In.:** Memória da fundação de Irritiba ou Rerigtibá e as aldeias vizinhas. (Tomo 1), 1880, p. 3.
- NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*. **In.:** Dialogo da Conversão do gentio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- VASCONCELOS, Simão de. *Vida do venerável padre José de Anchieta*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- VIOTTI, H. Abranches. *Anchieta: o Apóstolo do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1980, p. 191; 230.